

GEORGE ORWELL, UM ESCRITOR LIBERTÁRIO: A VIGILÂNCIA DAS TELETelas EM 1984 E A IDEOLOGIZAÇÃO FÍLMICA EM *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS*

GEORGE ORWELL, A LIBERTARIAN WRITER: THE SURVEILLANCE OF THE TELESCREENS IN 1984 AND THE FILM IDEOLOGIZATION IN THE *ANIMAL FARM*

Saulo Barreto Lima Fernandes¹

RESUMO: Eric Arthur Blair (1903-50) se notabilizou por inserir em seus escritos literários, autobiográficos e ensaísticos elementos imbuídos de forte apelo social e político. Suas obras apresentam como foco principal a preocupação irrestrita com as liberdades individuais duramente conquistadas ao longo dos séculos; denunciando muitas das vezes, as entranhas dos mecanismos de dominação utilizados pelo totalitarismo político qualquer fosse seu viés ideológico. Sob a luz de teóricos como Bauman (2013), Foucault (1987), Garcia (1985), Konder (2002), La Boétie (1999) e Marx (1964), buscaremos analisar algumas destas questões problematizadas fortemente abordadas em *1984*, publicada em 1949, especificamente quando do uso tecnológico das chamadas “teletelas”; bem como na adaptação fílmica de *A Revolução dos Bichos*, para o cinema em forma de animação, ambas consideradas, suas obras de proa por assim dizer.

PALAVRA-CHAVE: George Orwell. Opressão. Ideologia. Literatura. Cinema.

ABSTRACT: Eric Arthur Blair (1903-50) was noted for inserting elements imbued with strong social and political appeal into his literary, autobiographical and essay writings. His works have as their main focus the unrestricted concern with individual freedoms hard won over the centuries; often denouncing the entrails of the mechanisms of domination used by political totalitarianism whatever its ideological bias. In the light of theorists such as Bauman (2013), Foucault (1987), Garcia (1985), Konder (2002), La Boétie (1999) and Marx (1964), we will seek to analyze some of these problematized issues strongly addressed in *1984*, published in 1949, specifically when the technological use of the so-called “telescreens”; as well as in the film adaptation of *Animal Farm*, for cinema in the form of animation, both considered, so to speak, his masterpieces.

KEYWORDS: George Orwell. Oppression. Ideology. Literature. Film.

¹ Possui graduação em Direito pela Universidade CEUMA (2013), tendo sido aprovado no XXI Exame de Ordem, possui segunda graduação em Licenciatura, Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão. Mestrando em Letras pela mesma Universidade.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO NECESSÁRIA

Vive-se atualmente numa Era na qual tudo parece tender a convergir para o chamado “mundo virtual”, cuja quase que a totalidade da população mundial pode contar, na palma das mãos, como um dispositivo eletrônico que a credencie para um acesso “ilimitado” ao mundo tecnológico.

Nesse contexto, a pandemia provocada pelo recente COVID-19 aparenta ter acelerado todo esse processo, num cenário onde frequentar locais públicos e se relacionar presencialmente com outras pessoas passa a ser não somente desencorajado, mas, “perigoso”, e em alguns casos extremos até “proibido”. Isso tudo por lei o que é mais grave! Para fazer valer determinações dessa natureza, cabe lembrar que o governo de São Paulo na pessoa de seu então governador João Dória, no auge do *lockdown*, cogitou em acionar as operadoras de telefonia no sentido de monitorar paulistanos que não estivessem cumprindo à risca o “isolamento” imposto.²

Em vista disso, nota-se como a tecnologia tem cada vez mais assumindo um papel de “transportar” o mundo *real* vivido para o *virtual* não somente no sentido de “facilitar” as dinâmicas inerentes as relações sociais mas, sobretudo *substituir*; a ponto de se cogitar a proposta de um mundo “paralelo” ou de “realidade aumentada” chamada “metaverso”, onde através da criação de um “avatar” e uso de um óculos de realidade virtual (VR), pessoas alijadas de um senso crítico mínimo, interagem em ambientes inimagináveis como num *videogame* sem que muitas das vezes percebam a ambiguidade e incoerência representada pelo termo “realidade virtual”.

Desde a revolução, na década de 40, com o advento das “telas” tal como se tem conhecimento de profusão massiva de conteúdos audiovisuais, antigamente somente representado pela televisão; hoje tal função é exercida pelos mais diversos meios digitais consumido diuturnamente pela maioria da população através de transmissão via *internet*. Os contemporâneos vivem rodeados de monitores das mais variadas polegadas, *smartphones*, *smartvts*, *tablets*, *notebooks*, onde impera toda sorte de programação. Essa tendência não é por menos. Atualmente esses

dispositivos englobam comunicação, informação, conhecimento, ferramenta de trabalho, entretenimento através dos mais variados recursos interativos tornando o indivíduo de certa forma dependente; ao passo que de posse desses instrumentos ele passa a gozar de uma certa ideia de inclusão, de “emancipação tecnológica”, passando mais tempo com os olhos fitos sobre as telas do que qualquer outra coisa.

2. “MINHA TELETela, MINHA VIDA”: A VIGILÂNCIA OPRESSORA EM *NINETEEN EIGHTY-FOUR*

Transposta, pois, toda essa contextualização “promissora”, o cenário ficcional aqui em análise vivido no romance em questão *1984* – cuja ideia original era publicar sob o título: *O último homem da Europa* –, sobretudo pelo personagem Winston Smith, proposto por Orwell é bem menos empolgante. Ele é um funcionário do Ministério da Verdade, cuja função é “reescrever a história” na verdade um eufemismo como forma de substituir o termo “revisão histórica”.

Embora funcionário do Partido, em determinado momento Winston será retratado como um “anti-herói” passando a sentir a mão pesada do Sistema por se “insurgir” contra ele. Um dos instrumentos que se faz onipresente em praticamente toda narrativa *ato contínuo* da vida não só deste, mas de todos os outros personagens que compõem a base daquela sociedade, diz respeito a chamada teletela, um dispositivo capaz de “privar” todos de um mínimo sequer de “privacidade”. *Grosso modo*, o equipamento funciona como uma *smarttv*, mas com a diferença de não haver controle de acionamento nem muito menos de consumo de conteúdo por parte de quem a assiste.

Ela é ligada 24h por dia e transmite ininterruptamente programação própria previamente pautada e manipulada pelo Partido *Socing*. Seu conteúdo oscila entre exposições alienantes, propagandas de guerra, distorções da realidade, notícias de origem duvidosa ou totalmente falsas e outras vezes ordens que beiram ao absurdo. A localização do aparelho não se restringe somente aos lugares públicos e de trabalho, mas, também nas residências dos personagens, sejam eles membros rasos do partido (externo) como Winston ou *proletas* conforme pode-se ver a seguir:

Dentro do apartamento, uma voz profunda e agradável lia uma lista de números que tinham a ver com a produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa de metal oblonga que parecia um espelho opaco e fazia parte da superfície da parede à direita. Winston girou um botão e a voz diminuiu um pouco, embora as palavras continuassem inteligíveis. O som do instrumento (teletela, como era chamado) podia ser diminuído, mas não havia como desligá-lo totalmente (ORWELL, 2021a, p. 146).

Contudo, as funcionalidades das teletelas vão bem mais além do que somente veicular programações de gêneros duvidosos no sentido de atender os interesses escusos do Grande Irmão. Não bastasse a programação contínua e entediante, como que uma tortura psicológica sem fim, elas possuem o poder, também, de vigiar integralmente a vida dos cidadãos em praticamente tudo que fazem ou deixam de fazer, sejam nos seus atos, relacionamentos sociais, lazeres, dizeres, etc. “O Grande Irmão está vendo você” (ORWELL, 2021a, p. 441). Tudo isso no sentido de “podar” condutas e atitudes fora do que fora preconizado pelo Partido em seu patrulhamento constante. Não somente em atitudes suspeitas, mas o que é mais grave: elas têm a capacidade até de escrutinar os personagens em seus pensamentos, sob a qual existia inclusive uma instituição específica para fazer valer esse fim – a vigilância imposta pela chamada “Polícia do Pensamento”. “Alguns agentes da Polícia do Pensamento estavam sempre infiltrados entre eles, espalhando falsos boatos e marcando e eliminando os poucos indivíduos consideravam passíveis de se tornar que perigosos; [...]” (ORWELL, 2021a, p. 216).

Sim, isso mesmo, pensar “fora da caixa”, em outras palavras, além daquilo que o Partido permitia era crime e com tipificação própria – o “duplipensar”, a ponto de Winston fazer questão de anotar em seu diário a cruciente constatação: “Crimepensar *não* implica morte: crimepensar é a morte” (ORWELL, 2021a, p. 172). Geralmente a punição para quem transgredia as leis impostas pelo Grande Irmão e/ou não se adequava ao seu pensamento era a “vaporização” tornando-se assim uma “despessoa”. Todos os cidadãos viviam aterrorizados sob essa cruel possibilidade. Não só o corpo físico era eliminado, mas, também todas as referências e registros sobre aquela pessoa como se ela nem sequer houvesse existido. Traçando

um paralelo ao vivido hodiernamente, a título de ilustração, sob o pretexto de automação de todo um ambiente, têm-se a “assistente” virtual *Alexa* no contexto de “internet das coisas” capaz de atender comandos, dar sugestões, alertar sobre algo, em alguns casos, dando-nos até ordens.

O que se vê em 1984 não é muito diferente:

Qualquer som que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, seria captado; além disso, enquanto estivesse dentro do campo de visão que a placa de metal abrangia, ele poderia ser visto e ouvido. É claro que não havia como saber se você estava sendo vigiado em determinado momento. Quantas vezes, ou em que sistema, a Polícia do Pensamento se conectava a um aparelho específico era uma questão de adivinhação. Era até concebível que observasse todo mundo o tempo todo. Mas, de qualquer forma, poderia conectar-se ao seu aparelho sempre que quisesse. Era preciso viver - e vivia com o hábito que se tornou instintivo - pressupondo que cada som emitido era entre ouvido e, exceto na escuridão, cada movimento era escrutinado (ORWELL, 2021a, p. 146-147).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2013) conhecido por difundir as “rupturas” provocadas pelas mais variadas facetas daquilo que ele conceituou de “liquidez” na sociedade contemporânea; igualmente lançou olhar sobre essa questão em seu livro *Vigilância Líquida* (2013); na verdade uma entrevista dialogada com o professor e sociólogo David Lyon conhecido por seus aprofundados estudos sobre vigilância. Ao longo de toda a conversa, dentre outras coisas, é desmistificada a falácia de que a “eterna vigilância” seria necessária para segurança dos cidadãos contra “perigos”, muitas das vezes, classificáveis previamente como “invisíveis” e “preditivos”.

O cotidiano vivido por Winston, obviamente ressalvadas as devidas proporções, não está muito distante daquela que os cidadãos contemporâneos têm experimentado nos dias atuais de forma mais acentuada, em especial, quando se trata de alguns países onde há concentração de poder num só ente. De fato, tal justificativa engloba mesmo esse viés (de segurança); mas o que se tem percebido é que a implementação de sistemas como esses têm implicado em usos escusos nas

mais diversas formas de controle conforme cirurgicamente preceitua Bauman (2013), na passagem a seguir:

É por essa dupla razão - proteger-nos dos perigos *e* de sermos classificados como um perigo que temos investido numa densa rede de - medidas de vigilância, seleção, segregação e exclusão. Todos nós devemos identificar os inimigos da segurança para *não sermos incluídos entre eles*. Precisamos acusar para sermos absolvidos, excluir para evitarmos a exclusão. Precisamos confiar na eficácia dos dispositivos de vigilância para termos o conforto de acreditar que nós, criaturas decentes que somos, escaparemos ilesos das emboscadas armadas por esses dispositivos e que assim seremos - reinvestidos e reconfirmados em nossa decência e na adequação de nossos métodos (BAUMAN, 2013, p. 98-99).

Dessa forma, incute ao *vigiado* a necessidade de firmação desse “pacto” entre *vigilantes* e *vigiados* na qual o sujeito abriria mão da sua privacidade e liberdade em prol de um bem maior qual seja – a plena normalidade da segurança coletiva. A vigilância seria necessária no sentido de separar previamente o “joio” do “trigo”, de forma prévia, antecipada; antes mesmo que algo venha supostamente a acontecer. Seres “perigosos”, incapacitados da vida em sociedade, são sumariamente extirpados, sobretudo, no afã de serem submetidos a “[...] um sistema de proibições e de obrigações, uma vigilância contínua, exortações, leituras espirituais, todo um jogo de meios para ‘atrair para o bem’ e ‘desviar do mal’ [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 100).

Michael Foucault (1987), pois, outro sociólogo bastante caro a esse assunto – fundamentado nos estudos anteriores do filósofo utilitarista do século XVIII Jeremy Bentham –, trata de toda essa conjuntura ao desenvolver sua tese sobre “Sociedade Disciplinar” impulsionada e concretizada por conta do avanço do capitalismo moderno. Para o pensador francês, vive-se numa sociedade cada vez mais vigiada, baseada na constante observação, de modo a disciplinar quem age de forma diversa àquela preestabelecida previamente, e em alguns casos, sendo punidos através de condenações que vão de penas degradantes à prisão.

Suas formulações fazem alusão direta ao chamado “panoptismo”, uma espécie de olho situado no topo que é capaz de tudo e a todos ver irrestritamente

dentro de sua visão de alcance. Com efeito, com o advento das câmeras, sua abrangência agora ganha dimensões inimagináveis na qual determinados sujeitos passam a ser observados onde quer que se ande: no trabalho, nas instituições de ensino; ou em lugares privados (supermercados, *shoppings* e farmácias) ou ainda em locais públicos (estações de metrô, praças, ruas), muitas das vezes até nas residências, num tempo onde não se falava ainda da difusão de CCTV's câmeras de circuito interno.

E para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada, [...]. E ao contrário dos métodos de escrita judiciária ou administrativa, o que é assim registrado são comportamentos, atitudes, virtualidades, suspeitas – uma tomada de contas permanente do comportamento dos indivíduos (FOUCAULT, 1987, p. 176).

Toda essa invasão de privacidade como forma de controle constatado por esses pensadores e tantos outros não fica restrita somente ao plano da ficção. Governos com tendências totalitárias têm feito uso da tecnologia no sentido de monitorar a vida dos seus concidadãos. A China tem implantado fortemente esses sistemas onde os chineses são monitorados em locais de uso comum de grande movimentação. Isso tudo sem falar do sistema de “crédito social” na qual o cidadão adquire mais ou menos privilégios observados critérios previamente estipulados pelo governo. Esse pormenor não fica restrito as nações. *Big techs* como Google, Apple, Meta, Youtube, TikTok vem comumente tratando seus usuários como meros “produtos”. Na ilusão de uso gratuito, – na verdade uma “isca” para atrair usuários, perfis e seus dados gerados – suas informações são utilizadas para outros fins nada convencionais, como o comercial e político, por exemplo.

Enfim, além de todo esse controle panóptico, aos quais estavam submetidos, tanto Winston como as pessoas mais próximas com quem se relacionava eram, de alguma forma, funcionários rasos do Partido. Pode-se dizer que Winston era mais

do que um “funcionário exemplar”, mas um “trabalhador alienado” no sentido marxista da palavra sempre trajado com seu macacão azul abarrotado de bolsos similar à de um mecânico ou industrial.

Embora não seja esse o foco da narrativa (denunciar as condições de trabalho de seus personagens) tudo leva a crer que essa submissão se arvora somente como mais uma forma de dominação pelo Partido. Disse o alemão Karl Marx certa feita que a “alienação do homem e, acima de tudo, a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e exprime-se primeiramente na relação do homem aos outros homens. Assim, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, enquanto trabalhador, se encontra” (1964, p. 166).

Consoante a ideia de que o lema do Partido era: “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado” (ORWELL, 2021a, 178); Winston, em sua função laborativa de “reescrever a história”, se investia de um papel essencial no contexto do aparelhamento ideológico da instituição. O funcionário perde a conta de quantos documentos lançou no “Buraco da memória” uma espécie de forno onde era obrigado a jogar impressos que não coadunassem com a doutrinação do Partido. “Assim que cuidou de todas as mensagens, Winston anexou suas correções ditografadas às edições correspondentes do *Times* e inseriu tudo no tubo pneumático. Depois, em um gesto quase inconsciente, amassou a mensagem original e todas as anotações que fizera e jogou tudo no buraco da memória para serem devoradas pelas chamas” (ORWELL, 2021a, p. 184). Contudo, seu departamento ia bem mais além do que destruir documentos. Para substituir tudo que era eliminado algo teria que ser colocado em seu lugar.

O Ministério, também, cuidava dessa questão:

E o Departamento de Documentação, afinal, era só uma das seções do Ministério da Verdade, cuja função principal não era reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos da Oceania jornais, filmes, livros didáticos, programas de teletela, peças de teatro, romances - com todos os tipos concebíveis de informação, instruções ou entretenimento, estátuas e *slogans*, de poemas líricos a tratados biológicos, desde uma cartilha para crianças a um dicionário de novilíngua. E o Ministério não devia apenas suprir as necessidades

multifacetadas do Partido, mas também repetir toda a operação em um nível inferior em benefício do proletariado. Havia toda uma cadeia de departamentos separados lidando com literatura, música, drama e entretenimento em geral para o proletariado. Ali eram produzidos jornais inúteis contendo quase nada além de esportes, crimes e astrologia, romancinhos baratos e sensacionalistas, filmes cheios de sexo e canções sentimentais compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo especial de caleidoscópio conhecido como versificador. Havia até uma subseção inteira - Pornosec, como era chamada em novilíngua - dedicada à produção do tipo mais baixo de pornografia, que era enviada em pacotes lacrados e que nenhum membro do Partido, exceto os que trabalhavam nela, tinha permissão de ver (ORWELL, 2021a, p. 187-188).

Trabalhar sob tão vil função deve ter sido somente mais um dos motivos para que fizesse crescer em Winston mais que um sentimento de frustração, mas de revolta, mesmo que de início, ainda bastante incipiente. Face a um trabalho que não proporcione, aos seus funcionários, um mínimo de senso crítico em contestar do porquê das coisas, Winston era constantemente convidado a realizar reiterados exames e reexames de consciência. Mostrava-se cada vez mais incomodado com o assédio constante imposto pelas teletelas, tentando se “esquivar” de seu alcance, no sentido de que meio se transformar em um ser “invisível” para o sistema, como se possível fosse. “Winston se mantinha de costas para a teletela. Era mais seguro; ainda que, como ele bem sabia, até as costas podiam ser reveladoras” (ORWELL, 2021a, p. 147); aproveitando toda e qualquer oportunidade ocasionada pelas circunstâncias para afugentar-se face a esse patrulhamento:

Por algum motivo, a teletela da sala estava em uma posição incomum. Em vez de estar, como de hábito, na parede do fundo, onde podia abranger toda a sala, estava na parede mais comprida, em frente à janela. Ao lado dela havia uma alcova rasa onde Winston se sentou, provavelmente projetada como uma estante de livros quando os apartamentos foram construídos. Sentado na alcova e mantendo-se bem encostado, Winston conseguia ficar fora do alcance da teletela, pelo menos no que dizia respeito à visão. Ainda podia ser ouvido, é claro, mas não poderia ser visto enquanto estivesse naquela posição. Em parte, foi a geografia incomum da sala que sugeriu o que estava prestes a fazer (ORWELL, 2021a, p. 148-149).

Ademais, Winston já vinha escrevendo clandestinamente um diário no decorrer do livro, se apaixonou e manteve relações (sexuais) com Julia (que também era proibido) além de compartilhar com ela suas inquietações, queixas e ideais revolucionários. Desse modo, Smith começava a dar indícios de insatisfação que o Sistema impunha, não só a ele como para Julia, para os poucos amigos próximos e com os demais. Embora não tenha tido acesso as chamadas “literaturas libertárias” estava inconscientemente, como que num ato de sobrevivência, se rebelando consoante um dia alertou o filósofo francês Étienne de La Boétie séculos atrás: “Coisa realmente surpreendente (e no entanto tão comum que se deve mais gemer por ela do que surpreender-se) é ver milhões e milhões de homens miseravelmente subjugados e, de cabeça baixa, submissos a um jugo deplorável; não que a ele sejam obrigados por força maior, mas porque são fascinados e, por assim dizer, enfeitiçados apenas pelo nome de um que não deveriam temer, por ele é só, nem amar, pois é desumano e cruel para com todos eles” (1999, p. 74). Contudo, atender aos ditames propostos pelo antigo pensador teve seu preço.

Em hipótese alguma passaria por sua cabeça que estava sendo espionado não só pelas teletelas, mas de muito perto, donde jamais ele poderia imaginar. É que o camarada O’Brien, até então amigo insuspeito, um dia trata de atrair Smith e Julia para uma visita de cortesia em seu luxuoso apartamento, já que era ele um membro do Partido Interno, em outras palavras, pertencente a alta cúpula política. Lá estando, foi proposto de forma ardilosa por O’Brien, algo até então impensável. Smith, por sua vez, ingenuamente caiu na esparrela de começar a ler com bastante afinco o “manifesto da irmandade” de título *Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico*, cuja autoria era supostamente atribuída a Emmanuel Goldstein, o maior inimigo do Grande Irmão, a quem era rendido o alucinante “Dois Minutos de Ódio” transmitida numa teletela gigantesca. Dividido em 3 capítulos, Orwell faz referência somente aos capítulos I e III que são respectivamente “Ignorância é força” e “Guerra e paz”. O título de cada capítulo alude ao *slogan* do partido. Ao capítulo II, presume-se que seja “Liberdade é escravidão”, mas não faz menção referente ao seu teor.

Smith, pois, imaginando não ser visto nem muito menos ouvido, desprezando

qualquer possibilidade de ser apanhado, não se exime da oportunidade de finalmente tomar contato com o revelador livro. Ao cabo da leitura, se convence de que as suposições que vinha elucubrando ao longo do tempo não eram absurdas e o que conjecturava intimamente encontrava eco no tal manifesto; embora ao final, não tenha lhe acrescentado muita coisa, a não ser pelo relevante fato de que estava com suas faculdades mentais em dias, confirmando de vez que o sistema sim, ao qual estava submetido, era que era insano.

Ponderou que ainda não tinha descoberto o segredo final. Entendia *como*, mas não entendia *por quê*. O Capítulo I, assim como o Capítulo II, na verdade não havia dito nada que ele não soubesse, tinha apenas sistematizado o conhecimento de que já dispunha. Contudo, depois de ter lido, ele sabia melhor do que antes que não estava louco. Havia a verdade e havia a inverdade, e quem se ativesse à verdade, mesmo que contra o mundo inteiro, não era louco. Um raio amarelado do sol poente passava pela janela e se projetava no travesseiro. Fechou os olhos. O sol no seu rosto e no corpo macio da mulher ao seu lado lhe proporcionaram um sentimento forte e sonolento de confiança. Sentiu-se em segurança, estava tudo bem. Adormeceu murmurando “A sanidade não é estatística”, com a sensação de que sua observação continha em si uma profunda sabedoria (ORWELL, 2021a, p. 367).

Concluída a leitura da 2ª parte da obra, no dia seguinte ao acordarem ambos Smith e Julia refletem saudosamente diante de uma janela. Conversavam sobre o que estava escrito no livro cujo teor indicava que o futuro pertenceria aos proletas como uma “raça de seres conscientes”; se convencendo, desse modo, de que eles não fariam parte desse novo tempo pelo fato de serem “seres anulados” de já estarem “mortos” nas suas palavras.

— Nós somos os mortos – falou Winston.
— Nós somos os mortos – ecoou Julia.
— Vocês são os mortos – disse uma voz de ferro atrás deles.
Os dois se separaram abruptamente. As entranhas de Winston pareceram se transformar em gelo. Podia ver o branco ao redor da íris olhos de Julia. Seu rosto era de um amarelo leitoso. A marca de ruge que ainda tinha na bochecha se destacava intensamente, como se desconectada da pele abaixo (ORWELL, 2021a, p. 371).

A “voz de ferro” que falara por último era da teletela que agora repetia tudo que eles pronunciavam. Ela se achava estrategicamente camuflada atrás de um espelho. Eles haviam sido descobertos! Winston agora estava convencido de que fora traído pelo até então camarada O’Brien, na verdade um agente privilegiado do Partido disfarçado para desmascarar de vez subversivos como Smith e Julia. Ali iniciava seu calvário. Ter acesso ao livro era a “bala de prata” a prova cabal que faltava. O’Brien cumpria seu papel com maestria qual seja – entregar os revolucionários Smith e Julia em situação flagrância ao julgo do famigerado Ministério do Amor. Seu nome agora era outro – “6079 Smith W”. Detido, lá encontram vários amigos na mesma situação.

Não bastasse a incriminação dos prisioneiros, O’Brien faz questão de tomar a frente em todo o confinamento de Smith submetendo-o a uma tortura excruciante. Para tanto, conduzi-o ao temido “Quarto 101” considerado “a pior coisa do mundo” (ORWELL, 2021a, p. 436), nas suas próprias palavras. Winston enfrentava, neste instante, a maior fobia que poderia possuir no mundo – ratos. Para tanto foi submetido a uma parafernália para lá de absurda: “[...] uma gaiola de arame retangular, com uma alça para ser transportada. Na parte dianteira havia algo que parecia uma máscara de esgrima, com o lado côncavo voltado para fora. Apesar de estar a três ou quatro metros de distância, Winston pôde ver que a gaiola era dividida longitudinalmente em dois compartimentos, com uma criatura em cada um. Eram ratos” (ORWELL, 2021a, p. 437).

Assim Winston passa a experimentar, portanto, da maneira mais abjeta, o propósito vil da macabra engenhoca: “De repente o fedor bolorento dos animais penetrou em suas narinas. Sentiu uma violenta convulsão de náusea e quase perdeu a consciência. Tudo ficou escuro. Por um instante ele enlouqueceu, gritando como um animal. Mas saiu da escuridão agarrado a uma ideia. Só havia uma única maneira de se salvar. Usar outro ser humano para se proteger, interpor o corpo de outro ser humano entre ele e os ratos” (ORWELL, 2021a, p. 439). No ápice da humilhação e desumanização, Winston na vã expectativa de salvar-se, pede desesperadamente

para que fizessem isso com quem até então não só nutria o maior apreço, mas definitivamente amava:

— Faça isso com a Julia! Faça isso com a Julia! Não comigo! Com a Julia! Eu não me importo com o que você faça com ela. Pode deixar os ratos arrancarem a pele dela, devorá-la até os ossos. Não a mim! Julia! Não eu! (ORWELL, 2021a, p. 440).

Parece ser essa, pois, uma das manifestações principais que o agora torturador O'Brien arrancava de seu confessor. Diante das circunstâncias impostas, tinha a certeza que Winston não amava mais Julia. De certa forma, ela ocupava o único espaço dedicado ao Grande Irmão. Depois da contundente tortura psicológica implementada, Winston fora submetido a uma série de espancamentos físicos, até que finalmente, ciente de que os poderes de manipulação e lavagem cerebral haviam sido concluídas com sucesso, impostos pelo Partido, é obrigado a se convencer de que “dois mais dois são cinco”, daquilo que um dia ele havia considerado antes em seu diário como o óbvio: “dois mais dois eram quatro”.

Por fim, uma injeção com substância desconhecida é inoculada no corpo de Winston, deixando-o em estado letárgico fazendo-o esquecer em sua memória recente. Longe de um final feliz, mas a certeza de imersão em um ciclo nada mais que vicioso e da vitória certa do estado totalitário, George Orwell encerra sua narrativa com a seguinte constatação: “Winston conquistara a vitória sobre si mesmo. Ele amava o Grande Irmão” (2021a, p. 451); corroborando, em resumo, a concepção orwelliana nada otimista de poder que segundo ele: “está em infligir dor e humilhação. O poder está em desmontar as mentes humanas e remontá-las na forma que se desejar” (ORWELL, 2021a, p. 419).

3. A IDEOLOGIZAÇÃO FÍLMICA DE A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Outra obra igualmente bastante conhecida do autor em questão trata-se da *A Revolução dos Bichos* (1945). Assim como *1984*, ambas são semelhantes em vários aspectos, quais sejam: abuso de poder totalitário provocado pela dominação de um grupo por sobre o outro, supressão das liberdades individuais, alienação mental,

etc.; presentes não somente nas suas obras ficcionais, mas seus escritos autobiográficos, críticos, jornalísticos, como dito.

Conhecida também pelos títulos: *Triunfo dos Porcos* ou ainda *Fazendas dos Animais*, a narrativa muitas das vezes é apresentada como um “conto de fadas”, uma “fábula” onde predomina animais antropomorfizados de várias espécies de uma fazenda. O cenário é a bucólica “Granja do Solar” cujo proprietário é o Sr. Jones, um típico fazendeiro inglês voltado para exploração comercial dos bichos que confinava em sua propriedade. Entretanto, o fundo da narrativa é bem mais impactante! A história, pois, começa com o compartilhamento de um sonho revelador de Major, segundo ele próprio, um porco senil a beira da morte dirigido a todos os outros animais ao cair da noite no celeiro.

— Agora, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Precisamos admitir: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nascemos, ganhamos o mínimo de comida para nos manter funcionando, e aqueles entre nós que são capazes são forçados a trabalhar até o último pinga de energia; e, no instante em que nossa utilidade acaba, somos abatidos com uma horrível crueldade. Nenhum animal da Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer depois de fazer um ano de idade. Nenhum animal da Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão: esta é a verdade nua e crua (ORWELL, 2020a, p. 10).

Diante da constatação, Major expõe agora claramente o motivo de todos os males vividos por todos até ali:

É esta, camaradas, a resposta de todos os nossos problemas. Pode ser resumida em uma única palavra: Humanos. Os humanos são os únicos inimigos verdadeiros que temos. Remova os Humanos da equação e a raiz da fome e do trabalho excessivo é abolida para sempre. O ser humano é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não bota ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre rápido o suficiente para pegar coelhos. Ainda assim, é o senhor de todos os animais. Faz com que trabalhem, dá a eles, em troca, o mínimo que os impeça de morrer de fome e guarda o resto para si (ORWELL, 2020a, p. 10-11).

Logo após, cientes de todas as injustiças sofridas, os bichos se insurgem e expulsam o Sr. Jones se tornando agora o nome do lugar “Granja dos Bichos”. Contudo, para se entender melhor a dinâmica dos acontecimentos correlacionando

aos fatos históricos, vale dizer que o animal Major, na verdade, representa Vladimir Lenin. Este liderou o início da Revolução Russa, responsável por destronar a tricentenária monarquia familiar dos Romanov. Assim que Lenin faleceu um sucessor tinha de ser estabelecido. Dessa forma, começou a disputa entre dois dos maiores expoentes do movimento até então Josef Stálin e Leon Trotsky, duas figuras muito próximas a ele. O primeiro é representado na história por Napoleão e o último, por Bola de Neve. De início, toda a cúpula do “comitê revolucionário” é representada pelos porcos na qual os líderes vão conduzindo o restante dos animais “pós-revolução”, cada um à sua maneira.

Feita, pois, a devida ressalva logo após a expulsão, todos partem para uma rápida inspeção na antiga e luxuosa casa do então “destronado” Sr. Jones (que representa a monarquia russa na pessoa de seu último czar Nicolau II) se convencendo a partir dali que jamais passariam a viver iguais a eles, os humanos; tanto que determinaram:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Tudo o que anda sobre duas pernas é inimigo.
2. Tudo o que anda sobre quatro patas, ou tem asas, é amigo.
3. Nenhum animal deverá usar roupas.
4. Nenhum animal deverá dormir em uma cama.
5. Nenhum animal deverá beber álcool.
6. Nenhum animal deverá matar outro animal.
7. Todos os animais são iguais (ORWELL, 2020a, p. 23).

Destarte, cientes do momento histórico que vivenciavam, é fundada mais que uma revolução; e sim uma certa “corrente filosófica” com *status* de religião: “Após pensar muito, Bola de Neve declarou que os Sete Mandamentos podiam ser reduzidos a uma única máxima, a saber: ‘Quatro pernas: bom, duas pernas: mau’. Isso, disse ele, continha o princípio essencial do Animalismo” (ORWELL, 2020a, p. 30). Contudo, ainda no início da tomada de poder alguns problemas começam a emergirem. Diz a sabedoria popular que não há como servir a dois donos. Napoleão e Bola de Neve começaram a entrar em atrito na forma de conduzir seus liderados. “Esses dois discordavam sobre todos os assuntos possíveis. [...] Cada um tinha seus seguidores, e debates violentos aconteciam” (ORWELL, 2020a, p. 41).

Sem falar do modo radical que Napoleão vinha baseando seu comando. Esse pormenor tomou contorno ainda mais grave quando Napoleão começou, de forma monocrática, a eliminar quem não coadunava ou infringia as regras por ele impostas. A essa altura, praticamente todos os mandamentos estavam sendo relativizados de acordo com seu interesse; tudo isso sem contestação, o que é mais grave, afinal havia sido compactuado por todos que: “Napoleão está sempre certo” (ORWELL, 2020a, p. 52). Vários animais foram executados, inclusive os da sua espécie – porcos. “Assim, a sequência de confissões e execuções prosseguiu, até que houvesse uma pilha de cadáveres aos pés de Napoleão e o ar ficasse pesado com o cheiro de sangue, que ninguém sentira desde a expulsão de Jones” (ORWELL, 2020a, p. 69). Aquele outrora derradeiro mandamento de que: “Todos os animais são iguais, [...]” já havia sido devidamente distorcido com o desalentador adendo: “[...] mas alguns animais são mais iguais que os outros” (ORWELL, 2020a, p. 106). Outro abuso cometido trata-se da expulsão sumária de Bola de Neve. O estopim para tanto fora a construção de um moinho, fato que causou grande divisão entre os bichos.

Naquele momento, veio um terrível latido do lado de fora, e nove enormes cães, com coleiras cravejadas de pontas, entraram correndo no celeiro. Lançaram-se diretamente sobre Bola de Neve, que pulou de onde estava bem a tempo de escapar de suas mandíbulas. Em um segundo, já estava do outro lado da porta, com os cachorros em seu encalço. Atônitos e assustados demais para falar, todos os animais amontoaram-se à porta para ver a perseguição. Bola de Neve atravessava correndo o longo pasto que levava até a estrada. Corria como só um porco consegue correr, mas os cães estavam em seus calcanhares. De repente, escorregou, e parecia certo que eles o haviam alcançado. E então, estava de pé novamente, correndo mais rápido do que nunca, com os cães aproximando-se de novo. Um deles quase abocanhou sua cauda, mas Bola de Neve a encolheu bem a tempo. Correu com vigor redobrado e, com alguns centímetros de vantagem, passou por um buraco da cerca viva e não foi mais visto (ORWELL, 2020a, p. 45).

Mais uma vez vale aqui esclarecer que assim como Bola de Neve de forma semelhante ocorrera com Trotsky, que mesmo estando exilado no México, ainda era visto como uma ameaça por Stálin. Não havendo outra alternativa, o ditador soviético trata de enviar um agente de nome Ramón Mercader para que assim fosse

eliminado, de vez, seu opositor. No ano de 1940, o espião infiltra-se na casa de seu alvo quando finalmente almeja a oportunidade que esperava. Estando a sós com Trotsky enfia-lhe na cabeça uma espécie de picareta causando grave ferimento na sua vítima vindo a falecer horas depois. Mercader passara bastante tempo ainda preso no México, mas nunca revelou sua verdadeira identidade, tampouco o mentor intelectual de covarde ato. Liberto ainda foi condecorado com uma das altas comendas do regime soviético russo.

Figura 1 – Bola de Neve perseguido por cães. Fonte: “Animal Farm” de John Halas e Joy Batchelor (1954).



Fonte: Filme Animal Farm

Assim como Stálin, Napoleão não ficaria totalmente seguro com seu maior opositor supostamente “ameaçando” seu domínio. Para tanto era necessário – com apoio dos demais – eliminar o antigo aliado transformado agora em perigoso desertor e inimigo, que seria capaz de pôr em xeque a revolução em curso nem que para isso fosse alvo de acusações muitas das vezes falsas. Bola de Neve é expulso e tratado como conspirador e inimigo da revolução mesmo fora da fazenda. Mas para convencer os demais Napoleão precisava de um “bode expiatório” que dessa vez, era

representado pela sabotagem que resultou na destruição do valioso moinho, naquele momento, construção cara a sobrevivência dos animais diante de estações menos favoráveis.

— Camaradas – disse [Napoleão], em voz baixa – sabem quem é o responsável por isso? Sabem quem é o inimigo que veio durante a noite destruir nosso moinho de vento? BOLA DE NEVE! rugiu de repente, com uma voz de trovão. Foi Bola de Neve quem fez isso! Por pura malícia, pretendendo atrasar nossos planos e vingar-se de sua expulsão ignominiosa, aquele traidor entrou aqui de fininho, sob a proteção da noite, e destruiu nosso trabalho de quase um ano. Camaradas, aqui e agora, pronuncio a sentença de morte para Bola de Neve. “Herói Animal, Segunda Classe” e meia cesta de maçãs para qualquer um que fizer justiça. Uma cesta inteira para quem o capturar vivo! (ORWELL, 2020a, p. 58-59).

Isso visto, percebe-se como Orwell era lucidamente consciente dos perigos em face daqueles que se alinhavam com as ideias de Trotsky. Em seu famoso artigo “O que é o fascismo?”, o militante arremata: “[...] os comunistas acusam os trotskistas, isto é, a organização do próprio Trotski, de ser uma organização criptofascista financiada pelos nazistas. A esquerda acreditava amplamente nisso durante o período da Frente Popular. Em suas fases ultradireitistas, os comunistas tenderam a fazer a mesma acusação a todas as facções à esquerda deles mesmos, como a Comunidade das Nações ou o Partido Trabalhista Independente” (2020b, p. 11). Essa incompatibilidade mais uma vez pode ser confirmada no relato de suas experiências como combatente e solo espanhol presentes na obra: *Lutando na Espanha* (1937): “Entre os anarquistas e os socialistas havia ciúmes antigos, o POUM, como marxistas, eram céticos em relação ao anarquismo, enquanto, do ponto de vista anarquista puro, o ‘trotskismo’ do POUM não era muito preferível ao ‘stalinismo’ dos comunistas” (ORWELL, 2021b, p. 153). Orwell, para todos os efeitos, era trotskista, foi militante ativo no Partido Obreiro de Unificação Marxista – POUM, embora apresentasse várias ressalvas quanto ao modo de agir do movimento.

Para se entender, pois, de fato o real motivo de ter escrito tal fábula faz necessário se atentar ao autoexplicativo prefácio da edição redigido por Orwell – à pedidos – especialmente dirigido a refugiados ucranianos quando do contexto da 2ª

Grande Guerra. Antes, porém, de falar da gênese da obra em si ele faz questão de explicitar as razões de seu posicionamento político. Além de confessar suas experiências como policial Imperial na Índia, fato que o fez detestar o imperialismo; Orwell fala do período que ele sua mulher tivera na Espanha ao lutarem contra o avanço comunista stalinista naquele território, o que lhe rendeu um tiro no pescoço que por pouco não ceifou-lhe a vida.

Pelo fato de ter sobrevivido e se submetido a situação tão extrema talvez tenha feito insurgir nele o dever de alardear os abusos que vinha acontecendo com o povo espanhol: “Tanto na Espanha como na Rússia, a natureza das acusações (a saber, conspiração com os fascistas) era a mesma, e no que diz respeito à Espanha, tenho todos os motivos para julgar que fossem falsas. Vivenciar tudo isso foi uma lição valiosa: ensinou-me como é fácil para a propaganda totalitária controlar a opinião de pessoas educadas em países democráticos” (ORWELL, 2007, p. 143). Não no sentido somente de expor, mas marcar sua posição no sentido de combater “[...] a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental!” Para tanto, de forma subliminar, pulula a brilhante ideia em elaborar a historieta em questão, que nas suas palavras atenderia a urgência que o tempo histórico requeria: “Ao voltar da Espanha, pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas” (ORWELL, 2007, p. 145). Definida, pois, a forma era a hora agora de estabelecer outro ponto fundamental – o seu conteúdo:

Não quero comentar a obra; se ela não falar por si mesma, é porque fracassou. Mas gostaria de sublinhar dois pontos: primeiro, que embora seus vários episódios tenham sido tirados da história real da Revolução Russa, foram tratados de maneira esquemática, e sua ordem cronológica foi alterada; isso foi necessário para dar simetria à narrativa. O segundo ponto passou despercebido pela maioria dos críticos, possivelmente por não ter sido devidamente enfatizado por mim. Muitos leitores podem acabar de ler o livro com a impressão de que ele termina com uma reconciliação total entre os porcos e os seres humanos. Minha intenção não foi essa; ao contrário, eu desejava que o livro terminasse com uma nota enfática de discórdia, pois escrevi o fim imediatamente depois da Conferência de Teerã, que todos julgaram ter estabelecido as melhores relações possíveis entre a URSS e o Ocidente.

Pessoalmente, jamais acreditei que essas relações pudessem durar; e, como os fatos demonstraram, não estava muito enganado (ORWELL, 2007, p. 146).

Sua insatisfação com a forma de governar de Stálin era tanta a ponto de Orwell comparar outro sistema político não menos abjeto ao qual igualmente nutria asco – o nazismo. O nível totalitário que o stalinismo estava alcançando não era muito diferente ao regime imposto por Hitler, pois segundo ele: “Numa atmosfera como essa, o cidadão comum não tem uma compreensão concreta do que sejam campos de concentração, deportações em massa, prisões sem julgamento, censura da imprensa etc. Tudo o que lê sobre um país como a URSS é automaticamente traduzido em termos ingleses, e o ingênuo cidadão acaba aceitando as mentiras da propaganda totalitária. Até 1939, e mesmo depois, a maioria do povo inglês era incapaz de aquilatar a verdadeira natureza do regime nazista da Alemanha, e hoje, com o regime soviético, ainda vivem em grande medida submetidos ao mesmo tipo de ilusão” (ORWELL, 2007, p. 145). Por fim, Orwell demonstra a importância de se manter viva a esperança de se buscar um mundo menos desigual, sem abrir mão notadamente de princípios básicos da humanidade conquistados até então.

Por outro lado, porém, era da maior importância para mim que as pessoas na Europa Ocidental pudessem ver o regime soviético como de fato era. Desde 1930, eu vira poucos indícios de que a URSS estivesse avançando na direção de algo que se pudesse chamar de socialismo. Pelo contrário, ficava chocado diante dos sinais claros de sua transformação numa sociedade hierarquizada, em que os governantes não têm mais razão de desistir do poder que qualquer outra classe dominante (ORWELL, 2007, p. 144).

“Ver o regime soviético como de fato era”, não era, portanto, somente uma intenção íntima que pairava sob o escritor britânico. Agora, querendo ou não, ele tinha um parceiro de peso nesse intento – os norte-americanos. *A Revolução dos Bichos* foi lançada em 1945, num momento onde o mundo estava polarizado entre o bloco capitalista, representado pelos EUA e o comunista pela URSS; período marcado por sucessivos momentos de tensão de uma possível eclosão de guerra nuclear numa época conhecida como Guerra Fria.

Contudo, os EUA possuíam um diferencial em todo esse contexto –

Hollywood. A indústria cinematográfica americana concentrava o monopólio de produções audiovisuais; sempre à frente das demais nações com suas mega-produtoras e estúdios faraônicos com elaboração de efeitos especiais muitas das vezes não alcançados por outras produtoras fora daquele país. Seus conteúdos perpassam pelos mais diversos gêneros possíveis: aventuras, ação, guerras, romances, comédia. Apesar da heterogeneidade, o fundo acaba sendo quase sempre o mesmo; a transmissão da ideia dos americanos como heróis, o modo de vida americano (*American way of life*) como padrão ocidental, sendo a bandeira americana tremulada vividamente, em segundo plano, sempre ao alto; cena veiculada em praticamente todos os filmes. Assim o cinema *yankee*, forte braço ideológico do governo americano foi e é reiteradamente utilizado como estratégia de criação de “pontos iluminados” focando sempre em personagens antagônicos estereotipados, notadamente, representado por seus adversários no contexto do tabuleiro mundial e geopolítico.

O roteiro padrão dos filmes de aventura americanos permite avaliar bem seu valor como instrumento de transmissão de ideias. Geralmente são compostos de três ideias essenciais. Uma primeira mostra uma situação de paz e harmonia. Em seguida há o aparecimento de uma ameaça para, finalmente, se sucederem as tentativas de defesa que culminam com um final heroico. O espectador, envolvido pelo clima harmonioso inicial, é levado a indignar-se contra o sujeito da ameaça, que pode ser um indígena, um criminoso ou um espião russo. Afinal, acaba identificando-se com o herói ou heróis que vêm proporcionar a solução feliz. Todo filme acaba reduzido a uma proposta maniqueísta em que se apresentam apenas duas alternativas: a certa ou a errada, a boa ou a má. Todo esse contexto é permeado de cenas de amor e ódio, atos de maldade ou bondade, violência e carinho intensos, alguns toques eróticos. O ritmo das cenas se alterna da lentidão à rapidez extrema, as músicas acompanham o crescendo e variam da doce suavidade de um coro celestial à veemência das marchas de guerra, tudo para conduzir o receptor a um clímax. Foi através desses recursos que o cinema norte-americano conseguiu impor ao mundo ocidental certas imagens estereotipadas como a do indígena selvagem e assassino, dos alemães e japoneses frios e calculistas da Segunda Guerra Mundial, ou do agente russo desumano, traçoeiro e criminoso. E tudo isso em contraste com a figura do norte-americano bom, leal, corajoso e honesto (GARCIA, 1985, p. 71-72).

No contexto das ideias criadas em torno do termo “indústria cultural” elaborado pela Escola de Frankfurt consoante a ideia de alienação em massa, o cinema alcança um lugar de destaque, por conta de sua reprodutibilidade técnica de bens culturais de modo “fordista” em sua difusão. Nesse sentido, vale se observar as formulações de Leandro Konder (2002, p. 84, grifos do autor), a esse respeito: “A *indústria cultural* conferiu poderes avassaladores à capacidade que a ideologia dominante possui de induzir o pensamento, a atenção e mesmo o olhar, a percepção, para os pontos por ela *iluminados*. A *indústria cultural* possibilitou, no século XX, a criação e o funcionamento de sociedades *totalmente administradas*, que já não precisam se empenhar em justificar suas prescrições e imposições: a massa dos consumidores tende a aceitá-las passivamente, considerando-as *normais*, legitimadas pelo simples fato de existirem.”

Politicamente falando, diante do potencial de impacto que obra poderia causar, seu uso não foi diferente. O governo americano viu a oportunidade ímpar de utilizar a obra de Orwell como uma eficaz arma propagandista ideológica. No livro *Quem pagou a conta?* (2008), de Frances Stonor Saunders, a autora narra o esforço do governo americano em arrematar diversos artistas qualquer fosse seu espectro político no sentido de cooptar adeptos a sua causa em detrimento da Rússia stalinista.

Diz Saunders (2008, p. 319):

Pouco depois da morte de George Orwell, em 1950, Howard Hunt despachou Alsop e Farr para a Inglaterra, a fim de se encontrarem com a viúva do escritor, Sonia. Os dois não foram lá para consolá-la, mas para lhe pedir que cedesse os direitos de filmagem de *A revolução dos bichos*. Foi o que fez Sonia, depois de obter deles a promessa de que providenciariam para que ela conhecesse seu herói, Clark Gable. “Dessa [visita]”, escreveu Howard Hunt, “sairia o desenho animado inspirado em *A revolução dos bichos*, de Orwell, que a CIA financiou e distribuiu no mundo inteiro.”

Embora tenha sido o desenho animado produzido em uma produtora sediada na Inglaterra (aliado incontestemente dos EUA), não foram medidos esforços para concepção e viabilização do ambicioso projeto. Vários fatores contribuíram para a efetivação do plano. Como se tratava de uma animação (com estética de desenhos

animados da Disney), não haveria necessidade de toda aquela estrutura material para conclusão da película. A demanda de uma produção, com essas características, era basicamente computacional gráfica. Não precisava, também, necessariamente ser produzida em solo americano para não levantar suspeitas e isentar de vazamentos o departamento. Os bons precedentes das relações exteriores entre as duas nações, a língua em comum – a inglesa, a proximidade cultural (os EUA foi colonizado por ingleses); similarmente eram fatores que contribuíram para o sucesso da viabilização da película, sem falar do irrestrito apoio financeiro.

Em contato com Hunt e usando as verbas da CIA injetadas por Alsop e Farr, Rochemont iniciou a produção de *A revolução dos bichos* em 15 de novembro de 1951. A escolhida para fazer o mais ambicioso desenho animado da época (oitenta cartunistas, 750 cenas, 300 mil desenhos em cores) foi a empresa britânica Halas & Batchelor Cartoon Films Ltd. Halas, nascido na Hungria, fora para a Inglaterra em 1936 e havia trabalhado em *Music Man*, o primeiro desenho animado inglês em technicolor. Trabalhando em equipe com sua mulher, Joy Batchelor, ele havia produzido mais de cem filmes institucionais para o Escritório Central de Informações da Grã-Bretanha, muitos dos quais ajudaram a divulgar o Plano Marshall e a OTAN (SAUNDERS, 2008, p. 319).

Na qual sua mensagem principal residiria, portanto, em criar um filme onde seu conteúdo coadunasse a um roteiro que fosse:

[...] minuciosamente examinado pela Diretoria de Estratégia Psicológica. [...] No texto original, os porcos comunistas e o homem capitalista são indistinguíveis, fundindo-se numa massa comum de podridão. No filme, essa congruência foi cuidadosamente evitada (Pilkington e Frederick, personagens centrais que Orwell designou como as classes governantes britânica e alemã, mal se fazem notar) e, no final, simplesmente eliminada. No livro: “As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco, e de um porco para um homem outra vez; mas já se tornara impossível distinguir quem era homem, quem era porco.” Os espectadores do filme, todavia, assistiram a um desenlace completamente diferente, no qual é a visão dos porcos que impele os outros animais que observam a preparar uma contrarrevolução bem-sucedida, invadindo a fazenda. Depois de se haver tirado de cena os fazendeiros humanos e deixado apenas os porcos, a se refestelarem nos frutos da exploração, a fusão da corrupção comunista com a decadência capitalista foi desfeita (SAUNDERS, 2008, p. 319-320).

Figura 2 – Napoleão em banquete com outros porcos na sede da fazenda tomada do Sr. Jones. Fonte: “Animal Farm” de John Halas e Joy Batchelor (1954).



Fonte: Filme **Animal Farm**

Nesse sentido pode ver que o motivo foi realmente alcançado, o livro fora proibido de ser veiculado na URSS. Contudo, deve-se admitir o cuidado em também não atingir o sistema vigente e muito caro ao norte-americanos – o capitalismo. O aparelho ideológico estadunidense teve o cuidado de “calibrar” o filme de acordo com o escopo de ser ao mesmo tempo, “anticomunista”, mas jamais “anticapitalista”, o que de certa entrava em rota de colisão com as orientações filosóficas de Orwell.

Querendo ou não, o autor passou a vida toda alijado de boas condições materiais, embora tenha nascido e vivido grande parte em seu país natal Inglaterra e em outros países da Europa, notadamente região com bons índices sociais, em que pese as convulsões sociais da época. Talvez todo esse contexto tenha influenciado para que Orwell se tornasse “simpático” e em determinados momentos, adepto as orientações marxistas e socialistas; mas nunca de forma extremada, como nos moldes propostos pela distorcida da chamada “ditadura do proletariado” e do

“comunismo” implantado em países como antiga URSS stalinista; e hoje representados por países como China, Coreia do Norte, Venezuela, Cuba, etc.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis o motivo pelo qual George Orwell se faz um escritor libertário, pois não passava em hipótese alguma pela sua cabeça abdicar em fazer o uso da Literatura como meio para difundir suas críticas sociais e políticas, residindo aí, portanto, a importância de seu inestimável legado. Todas suas obras – sejam elas ensaios, escritos autobiográficos, críticas, diários –, confluem, com raras exceções, nesse sentido. Consciente da sua condição de escritor político “engajado”, escreveu relativamente bem em que pese suas condições de socioeconômicas nada favoráveis ao longo de toda sua vida.

Nesse sentido, o conjunto de sua obra acaba por revelar um universo distópico cada vez mais naturalizado nos tempos modernos; pois como visto, suas ideias tiveram o poder de alertar, por exemplo, que quanto mais a tecnologia se desenvolve e governos despóticos se estabilizam no poder mais as teses orwellianas se popularizam e se tornam cristalinas a ponto de se vislumbrar claramente as suas profecias nos dias atuais.

Tanto em *1984* como em *A Revolução dos Bichos*, há a flagrante constatação da “exploração do homem pelo homem”. Tanto a tecnologia representada pelas telas e o uso dos governos totalitários como forma de manipulação, dominação e escravização do sujeito moderno a ponto de reduzi-lo a nada como o que aconteceu no fracasso de Smith (sujeito desprovido de vontades, de sentimentos e de esperanças); como a falácia reproduzida na outrora “Granja do Solar” através de discursos proferidos por determinados grupos privilegiados (com pretexto de domínio ideológico) visando deturpar a ideia de mundo perfeito, sem desigualdades; em verdade formas sutis de expor lideranças embevecidas pelo poder representados, nesta pesquisa, nas figuras de Napoleão, Stálin e por último no caso do governo norte-americano. Orwell embora ciente de suas convicções

políticas sempre esteve do lado dos “oprimidos”, atentos aos abusos do poder fosse qual fosse seu agente opressor.

Por fim, vale fazer o registro de sua última entrevista concedida à BBC britânica.³ O escritor britânico próximo da morte, em um retiro campestre, reúne forças para deixar um “aviso final” à humanidade. Referindo-se a 1984 – em que pese a obra não ter saído como ele imaginava por conta do estado tuberculoso que se encontrava –, Orwell se confessa diante de um futuro nada animador. Sentimentos como o “medo”, a “fúria” e a “autocomiseração” serão uma constante não restando a ele portanto, imaginar um cenário exemplificado na representação de uma imagem chocante: “a de uma bota imprensando a cabeça de um indivíduo junto ao chão”; mas que para que isso não venha a acontecer efetivamente há um agente capaz de evitar a tudo isso – “você”.

NOTAS

1. Graduado em Ciências Sociais e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLETRAS na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. (Bolsista/UEMA). E-mail: sauloblif@gmail.com
2. São Paulo faz parceria com operadoras de telefonia para monitorar quarentena. **CNN**, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sao-paulo-faz-parceria-com-operadoras-de-telefonia-para-monitorar-quarentena/>>. Acesso em: 15 de dez. de 2022.
3. SILVA, Petrus. O último aviso de George Orwell - 1984. YouTube, 7 de nov. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i_8F1E5K20Y&t=20s. Acesso em: 15 de dez. de 2022.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, Néelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1964.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução de Lívia Bono. Barueri, SP: Pé da Letra, 2020a.

_____. **Ensaio**. Tradução de Fabrício Zuccherato, Ana Paula Bonjani, Flamarion Caldeira Ramos. Brasil: Pé da Letra, 2020b.

_____. **A revolução dos bichos: 1984**. Tradução de Willians Glauber, Claudio Carina, Sonia Carvalho. Porto Alegre: CDG, 2021a.

_____. **Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha**. Tradução de Souza e Cruz. 1. ed. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2021b.

_____. Prefácio do autor à edição ucraniana. In: ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos: um conto de fadas**. Tradução de Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAUNDERS, Frances Stonor. **Quem pagou a conta?** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HALAS, John e BATCHELOR, Joy. **Animal Farm**. [Filme-vídeo]. Produção de John Halas e Joy Batchelor, direção de John Halas e Joy Batchelor. Inglaterra: Halas & Batchelor Cartoon Films Ltd., 1954, 72 min. *Colour by TECHNICOLOR*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iZbrKvPMgu0&t=2175s>>. Acesso em: 13 de dez. de 2022.